

SERMAM

DO

NOSSO INSIGNE PORTUGUEZ

S. ANTONIO,

PREGADO

Na occurrencia do Lausperenne

Na Parochial de S. Jorge desta Cidade de Lisboa, em vinte;
& quatro do mez de Novembro de 1701.

Pelo PADRE FRANCISCO DE SANTO THOMAS,
Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista,
& natural da Cidade do Porto;

OFFERECIDO

Ao Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor
D. DIOGO DA ANNUNCIACÃO JUSTINIANO,
Arcebispo de Cranganor, do Conselho de Sua
Magesdade.



L I S B O A,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAO:

Com todas as licenças necessarias.
Anno de 1702.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 311

LECTURE 10

1989-1990

1. Introduction

2. The Hamiltonian

3. The Schrödinger Equation

4. The Harmonic Oscillator

5. The Hydrogen Atom

6. The Spin-Orbit Interaction

7. The Zeeman Effect

8. The Stark Effect

9. The Fine Structure

10. The Hyperfine Structure

11. The Lamb Shift

12. The Anomalous Zeeman Effect

13. The Paschen-Back Effect

14. The Zeeman Effect in Solids

15. The Zeeman Effect in Liquids

16. The Zeeman Effect in Gases

17. The Zeeman Effect in Plasmas

18. The Zeeman Effect in Stars

19. The Zeeman Effect in Galaxies

20. The Zeeman Effect in the Universe

21. The Zeeman Effect in the Earth's Magnetic Field

22. The Zeeman Effect in the Sun's Magnetic Field

23. The Zeeman Effect in the Earth's Ionosphere

24. The Zeeman Effect in the Earth's Magnetosphere

25. The Zeeman Effect in the Earth's Geomagnetic Field

26. The Zeeman Effect in the Earth's Geoelectric Field

27. The Zeeman Effect in the Earth's Geomagnetic Field

28. The Zeeman Effect in the Earth's Geoelectric Field

29. The Zeeman Effect in the Earth's Geomagnetic Field

30. The Zeeman Effect in the Earth's Geoelectric Field

ILLUSTRÍSSIMO, E
Reverendíssimo Senhor:

43



ENDO certo, que não satisfaz aos empenhos de obrigado, quem não repete as demonstrações de agradecido, como afirma Seneca; & como o persuade a

Senec.
lib. 3.
de benefic.
cap. 1.

mesma natureza nos multiplicados frutos que produz a terra, para gratificar com este bem que rustico desempenho, os beneficios de que se reconhece devedora aos Agricultores, que com o dispendio do proprio suor a culturaõ nas lavouras; & até os rios com a copiosa afluencia das suas correntes recompensãõ ao mar todos os dias aquellas agoas, que delle receberãõ; retribuindo com generosa gratificaçãõ em deretida prata, o que o mar para o seu augmento dispendeo em liquido cristal; à vista pois destes exemplos, com que a mesma natureza parece està arguindo a omissaõ dos ingratos, & insinuando o desempenho aos agradecidos; como não repetirei esta diligencia, verdadeira-

mente filha do meu agradecimento, tributando
segunda vez a V. Illustrissima este fruto, que
à custa de algum disvelo colheo a minha indus-
tria na sementeira Evangelica? para que
assim remunerere de algum modo o muito que de-
vo ao affecto de V. Illustrissima? Bem sei, Se-
nhor, que não he sufficiente o fruto para delle
se fazer offerta a hum Principe da Igreja,
pois o colhi muito verde na primavera da vida,
sem esperar que o sazonasse o outono dos annos;
mas como a minha divida he tão grande, &
V. Illustrissima continua com os beneficios; que
havia de fazer quem se preza de agradecido,
mais que offertar o fruto, ainda que fosse em
flor? bem que debaixo do Patrocínio de V.
Illustrissima participará tão beneficas influ-
encias, que será muito sazonado para o gosto,
ainda que mais verde pareça para o agrado.
Deos guarde a pessoa de V. Illustrissima pelos
annos do meu desejo.

De V. Illustrissima

Subdito o mais obrigado

Francisco de Santo Thomas.



Vos estis lux mundi.

Matth. 5.



NÃo levantes já , ò Egypto , sumptuosas piramides à memoria dos teus Monarchas. Omnipotente Deos , & Amoroso Senhor. Naõ levantes já , ò Egypto , dizia eu , sumptuosas piramides à memoria dos teus Monarchas. Naõ escrevas já , ò Grecia , em laminas de bronze os nomes dos teus Philosophos. Naõ graves já , ò Roma , na dureza dos marmores as victorias dos teus Emperadores ; porque todas essas soberbas machinas , & fantasticas ostentações com que presumias , ò gentildade fabulosa , eternizar a fama dos teus Herces , ficaõ hoje de todo desvanecidas à vista do glorioso assumpto desta plausivel festa ; porque só a este , mais que aos Emperadores de Roma , mais que aos Sabios de Grecia , & mais que aos Monarchas do Egypto , deve o mundo todo levantar estatuas , erigir padroes , & gravar titulos para eterna memoria de seu augusto nome , pois foi mais soberano , mais entendido , & mais poderoso ; mais poderoso que os Emperadores de Roma , mais entendido que os Sabios de Grecia , & mais soberano que os Monarchas do Egypto.

Mais soberano que os Monarchas do Egypto , porque se estes para prova da sua soberania conciliaraõ os respetos

de hũa só provincia ; o nosso Santo , de todo o mundo , confeguiu os mais reverentes cultos , para qualificado testemunho de sua incomparavel grandeza ; diga-o Portugal , testemunhe-o Italia , verifique-o Sicilia , affirme-o França , em fim affirme-o , & diga-o toda a Europa . Mais entêdido que os Sabios de Grecia ; porque a sabedoria destes foi , quando muito , hũa comprehensãõ das cousas naturaes que estãõ dentro dos limites da esphera da natureza ; mas a sciencia do nosso Santo foi hũa evidente noticia naõ só da Philosophia da terra , mas ainda da Theologia do-Ceo ; assim o apregoãõ os seus escritos , & publicaõ os seus Sermões . Finalmente foi mais poderoso que os Emperadores de Roma ; porque se estes só dilatããõ o seu poder entre os limites do seu Imperio , & quando mais , dentro dos ambitos da terra ; o nosso Santo naõ só na terra , mas em todos os mais elementos extendeo a vastidaõ de seu poderoso dominio ; na terra , resuscitando mortos , & sarando enfermos ; no fogo , apagando incendios , & preservando das chamas ; na agoa , ferenando tormentas , & conduzindo bonanças ; no ar , suspendendo chuvas , & aplacando a furia dos ventos ; assim o refere o compendio da sua vida .

Mas que Santo será este , tanto mais poderoso que os Emperadores de Roma ? tanto mais entendido que os Sabios de Grecia ? & tanto mais soberano que os Monarchas do Egypto ? quem será ? Mas quem ha de ser , senãõ o credito de Padua , a gloria de Lisboa , o affombro de Italia , o flagello da heresia ; & para que tudo diga de hũa vez , o nosso Glorioso Portuguez Santo Antonio ? Pois Santo Antonio hoje , sendo a treze de Junho o dia da sua festa ? que se festeje em Junho , muito embora ; mas agora em Novembro ? & porque razãõ ? Ora naõ só hũa , mas duas razões me occorrerãõ para que tambem agora se solemnize Santo Antonio . Seja a primeira ; porque para os aplausos de Santo Antonio naõ basta a festa de hum só dia , nem hum só dia de festa ; & a razãõ desta razãõ he ; porque Antonio , como até aqui disse , foi o
mais

mais poderoso, o mais entendido, & o mais soberano; & para os cultos de hum justo o mais soberano, o mais sabio, & o mais poderoso, não basta a festa de hum só dia, mas haõ de multiplicarse os dias da sua festa. Naquelle sacrosanto mysterio temos a prova do nosso pensamento.

No mez de Junho, & algũas vezes no mez de Mayo, soleniza universalmente a Igreja os cultos daquelle Deus sacramentado na quinta feira depois da Dominga da Trindade; & não obstando o deputar a Igreja este dia tão festivo para os aplausos daquelle ineffavel Sacramento, nos mostra a experiencia, que lhe consagra a devoçãõ repetidos dias de festa, como agora o contempla a nossa admiraçãõ neste sagrado Templo, com tanta pompa, com tanto affeyo, & com luzimento tanto: pois se a Christo sacramentado se faz a festa no mez de Junho, ou no mez de Mayo, como tambem agora lhe consagrais estes cultos no mez de Novembro? Sabeis porque? Porque para os aplausos de Christo sacramentado, não basta hum só dia de festa; assim o inculca a vossa devoçãõ, & assim o desempenha a vossa piedade; mas porque? pergunto eu agora; porque não basta para os aplausos de Christo sacramentado a festa de hum só dia? Santo Agostinho nos aponta a razãõ; porque no Sacramento he Christo o mais poderoso: *Cum sit omnipotēs, plus dare non potuit.* He o mais sabio: *Cum sit sapientissimus, plus dare nescivit.* E he o mais soberano: *Rex Regum, & Dominus dominantium.* Assim? & Christo no Sacramento he o mais soberano, o mais sabio, & o mais poderoso? pois por isso para Christo sacramentado não basta o culto de hum só dia, nem hum só dia de festa. Tirai agora destas premissas a consequencia. Logo tambem para Santo Antonio não basta hum só dia de festa, ou o culto de hum só dia, como mais poderoso, como mais sabio, & como mais soberano.

Segunda razãõ. Ainda que Santo Antonio se festejasse universalmente em treze de Junho, havia de solenizar-se parti-

D.
Aug.
cõm-
niter
cita-
tus.

particularmente neste dia de vinte, & quatro de Novembro; porque no dia de hoje aplaude a vossa devoção a Christo sacramentado com a circumstancia do Lausperenne; & chegar a vossa devoção a aplaudir hoje a Christo sacramentado com a circumstancia do Lausperenne, consequentemête havia de festejar a Santo Antonio a vossa devoção. E a razão he; porque andão, ao que parece, tão germanados os cultos de Antonio, & os aplausos de Christo sacramentado, com a circumstancia do Lausperenne; que o mesmo he consagraremse aplausos a Christo sacramentado com a circumstancia do Lausperenne, que tributaremse tambem cultos a Santo Antonio. Dai attenção à prova, que ella desempenhará o conceito.

Em hum magestoso trono vio o meu amado Evangelista a vinte, & quatro anciãos, que não só consagravaõ cultos ao Cordeiro que estava no trono, mas tambem tributavaõ juntamente venerações ao trono em que estava o Cordeiro: *Silv. Et mittebant coronas suas ante thronum, in illius cultum, & venerationem*, diz o Silveira. E como assim? que estes anciãos consagrem cultos, & venerações ao Cordeiro, que he Christo, muito embora; mas que tambem ao trono juntamente consagrem venerações, & cultos? que no mesmo tempo em que se aplaude o Cordeiro, seja tambem venerado o trono? & não póde o Cordeiro ser especialmente aplaudido? mas ha de ser juntamente o trono tambem venerado: *Mittebant coronas suas ante thronum, in illius cultum, & venerationem?* Sim; porque estes anciãos consagravaõ cultos ao Cordeiro, que era Christo sacramentado, como diz o Silveira: *Viginti quatuor seniores venerabantur Christum Dominum, agnum tamquam occisum in sacramento altaris*. E nestes cultos que os anciãos davaõ a Christo sacramentado, que era o Cordeiro, occurria a circumstancia do Lausperenne, porque successivamente, tanto de dia, como de noite, estavaõ os animaes louvando a Deos, & ao Cordeiro: *E requiem non habebant die, ac nocte, dicentia, Sanctus, Sanctus, Sanctus, Deus omni-*

Apo- calyps. cap. 4.

Silv. ubi supra.

Apo- calyps. cap. 4.

omnipotēs. Assim? & os anciãos tributaõ cultos ao Cordeiro Christo sacramentado com a circumstancia do Lausperenne? pois naõ só haõ de consagrar venerações ao Cordeiro Christo sacramentado que está no trono; mas tambem haõ de tributar juntamente cultos ao trono em que está o Cordeiro; porque taõ germanados parece andaõ em os aplausos o Cordeiro com o trono, & o trono com o Cordeiro, que havendose de venerar o Cordeiro, que he Christo sacramentado com a circumstancia do Lausperenne: *Venerabantur Christum Dominum agnum tamquam occisum in Sacramento altaris; & requiem non habebant die, ac nocte, dicentia, Sanctus, Sanctus, Sanctus Deus omnipotens*; tambem juntamente se ha de aplaudir o trono: *Mittebant coronas suas ante thronum, in illius cultum, & venerationem.*

E quem he por antonomasia o trono de Deos, senaõ Santo Antonio? pois chegou o mesmo Deos a fazer de Antonio o seu trono, pondose em seus braços na forma de menino: pois se Santo Antonio he o trono de Deos, segue-se daqui, que tributando a vossa devoçaõ cultos a Christo sacramentado com a circumstancia do Lausperenne, tambem a Santo Antonio havia de consagrar juntamente venerações a vossa devoçaõ, para que assim fossem ao mesmo tempo aplaudidos o Cordeiro com o trono, & o trono com o Cordeiro; com que ainda que Santo Antonio se festejasse no seu dia proprio de treze de Junho, havia tambem de solenizar-se neste dia de vinte, & quatro de Novembro, por ser este tambem, pelas circumstancias referidas, o dia proprio para os louvores de Antonio; & como o nosso Santo se conforma hoje tanto com Christo sacramentado nos cultos, darnosha esta mesma conformidade materia para mostrarmos a Antonio conforme a Christo sacramentado nos titulos; & de tal sorte; que se Christo tem o titulo de Sol no Sacramento: *Christus in Eucharistia Sol*; mostrarei tambem a Antonio Sol no assumpto; *apud PP.* & para que naõ pareça o assumpto violento, mostrenos já

como he genuino, a mesma luz do Evangelho.

Vos estis lux mundi. Estas palavras que Christo disse a seus Discipulos, & consequentemente a todos os Prêgadores Evangelicos, accõmoda hoje a Igreja especialmente a Santo Antonio; & nellas vem a dizer, que Santo Antonio he luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* E õ mesmo vem a ser o dar a Igreja a Antonio de luz do mundo o titulo, que darlhe o titulo de Sol, porque só o Sol he luz do mundo, como diz Barradas: *Lux mundi Sol.* O que supposto, serà hoje Antonio, como Sol, todo o empenho do meu discurso, & nelle examinarei as luzes de Antonio como Sol; mas em que estado faremos nõs este exame? O Sol tem tres estados, Oriente, Zenith, & Occaso; & estes tres estados teve tambem Antonio como Sol; teve Oriente em Lisboa em que nasceu para o mundo; ou teve tambem Oriente na Religiaõ em que renasceu para Deos; teve Zenith no estado Religioso que professou, pois nelle subio ao ponto mais alto da perfeiçã; teve Occaso em Italia onde acabou a vida; em qual pois destes tres estados faremos exame das luzes do nosso Sol? Ora a mesma imagem de Antonio nos ha de soltar esta duvida. Fitai como generosos Aguias os vossos olhos em o Sol de Antonio; empregai as vossas vistas naquella bella imagem; tendes visto? agora dizeme: que vedes em Antonio? Vedes de hũa parte o menino, & a Cruz da outra parte; & Antonio onde fica? Fica no meyo, porque está entre a Cruz, & o menino; bem está; pergunto agora: que he o menino? He Oriente, como diz Zacharias no seu cantico: *Visitavit nos oriens ex alto.* Que he a Cruz? He Occaso, diz David no sentir dos Padres: *Sol cognovit occasum suum, id est crucem.* Pois se a Cruz he Occaso, & o menino he Oriente, sendo Antonio Sol, & estando no meyo entre o menino, & a Cruz, vem logo a ser Sol no Zenith, porque o Zenith he o estado que medea entre o Oriente, & Occaso.

Logo na mesma imagem de Antonio temos com toda a evidencia, que he Antonio Sol no Zenith; devemos logo examinar

Bar-
rad. in
expof.
hujus
textus.

Luca
1.
Pfal.
103.
Hugo,
& alij
hic.

minar o Zenith do Sol de Antonio; mas para que não fique de fóra nem o seu Oriente, nem o seu Occato, mostrarei a Antonio Sol no Zenith no seu Oriente, & Sol no Zenith no seu Occato; este o assumpto, o Sacramento confirmará os discursos; entremos já a discorrer seguindo como norte a luz do Thema: *Vos estis lux mundi: Lux mundi Sol;* & mostremos primeiramente a Antonio Sol no Zenith em o seu Oriente.

Neste abreviado mappa do mundo, que por tal reconhece a admiração estrangeira, com grande gloria da nação Portuguesa, a está vossa sempre Augusta, & famosa Cidade: *Vidi orbem in urbe;* neste decantado emporio do orbe, cabeça da Monarchia Lusitana, tão conhecido das nações mais estranhas pela sumptuosidade de seus soberbos edificios, como celebrado das linguas mais barbaras pela preciosidade de seus inextimaveis thesouros; nesta Cidade de Lisboa, digo, nascido de Pays illustres Santo Antonio; mas qual, senão Lisboa, havia de ser a patria deste Santo, o berço deste infante, a mina deste ouro, a concha desta perola, o archivo desta joya, a primavera desta flor, & o Oriente deste Sol? pois sómente Soes nascem neste Oriente, só flores brotaõ nesta primavera, só joyas se depositaõ neste archivo, só perolas se criaõ nesta concha, só ouro se produz nesta mina, só infantes se educaõ neste berço, & só Santos, como Antonio, saõ filhos desta patria; assim o acclama, sem affectação de lisonja, a mais ligeira fama.

Nos principios de sua meninice criaraõ a Antonio seus Pays no santo temor de Deos; & com grande fundamento; porque por destino do Ceo havia o nosso Santo de illustrar como Sol toda a circumferencia do orbe com as luzes de sua grande sabedoria; & como Antonio havia de ser tão sabio, devia principiar com o santo temor de Deos a sua educação; porque o temor de Deos he a origem donde procede toda a sabedoria: *Initium sapientie timor Domini.* Foi Antonio crescendo na idade, & juntamente na virtude; mas que muito,

*Psalm.
110.*

se o santo temor de Deos era o seu norte? E quem tem por norte nas acções da sua vida ao temor de Deos, tanto cresce na virtude, quanto cresce na idade; pois com o temor de Deos he odioso todo o peccado: *Timor domini odit peccatum*. E apenas chegou Antonio àquella idade, em que a luz da razão se diviza entre os primeiros albores da infancia; quando movido já de hum celestial impulso deixa o profano do mundo, busca o sagrado do templo, & na Santa Sè desta Cidade se dedica ao serviço de Deos no ministerio de menino do Coro.

Reparo já na idade em que Antonio deixa o mundo, & busca o templo; & na causa porque busca o templo, & deixa o mundo: deixou Antonio o mundo, & a casa de seus Pays, sendo de sete annos de idade, dizem algũs Escriptores da sua vida; eis-aqui a idade em que deixou o mundo; & buscou o sagrado templo da Santa Sè desta Cidade, para assistir ao culto Divino vestido com hũa sobrepeliz, que he o proprio ornato dos meninos do Coro; eis-aqui a causa porque buscou o templo. Norai agora. No sagrado templo desta Santa Sè era venerada hũa soberana Imagem da Senhora, de quem Antonio foi taõ especial devoto, que as mais das noites passava em vigalias junto ao altar da mesma Senhora; o que supposto, digo agora, que nestes progressos, que Antonio obrou na sua infancia, mostrou com toda a evidencia que era Sol no Zenith, no Oriente da sua vida; & a razão he; porque deixar Antonio a casa de seus Pays na idade de sete annos, & buscar o templo onde era venerada a imagem da Senhora, diante da qual passava a noite em vigalias, para assistir ao culto Divino vestido com hũa sobrepeliz como menino do Coro; he taõ grande realce da soberania de Antonio, que o eleva como Sol ao Zenith em o Oriente da sua idade; pois fica Antonio por estas circumstancias tanto mais sublimado quando mais pequeno, que não só entre os homens, que he o menos, mas ainda à vista de Deos, que he o mais, avulta a sua grandeza. Dáme attençaõ.

Falla

Pro-
verb.
8.

Epit.
da vi-
dade
S. An-
tonio.

Falla o sagrado texto no menino Samuel, & encarece tanto a grandeza deste menino, que diz, que sendo Samuel pequeno na idade, era grande a vista do mesmo Deos: *Magnificatus est puer Samuel apud Dominum*; ou como lem outros, *coram Domino*. Notavel encarecimento! Samuel ainda menino nos annos, *Puer autem Samuel*, & já tão grande peffo, que à vista de Deos avulta a sua grandeza: *Magnificatus est coram Domino*? Se o homem, por mais corpulento que seja, não avulta à vista do gigante: se o Rio, por mais caudeloso que corra, não cresce à vista do mar: se a estrella, por mais luminosa que pareça, não resplandece à vista do Sol: como à vista de Deos creice, avulta, & resplandece tanto a grandeza do menino Samuel? Como? O texto o diz, & os Expositores o declarão; notai. O menino Samuel deixou a casa de seus Pays sendo de idade de sete annos; assim o dizem algũs Padres que cita o Alapide: *Alij septimo anno*; & buscou o templo onde era venerada a Arca, diante da qual passava a noite em vigalias, como diz o Abulense: *Vigilabat dormiens in templo, circa locum in quo erat Arca*; & neste templo se dedicou ao culto Divino: *Ministrabat coram Domino*, vestido de hũa roupa de linho chamada Ephot, que era semelhante às sobrepelizes de que usão os meninos do Coro: *Accinctus Ephot lineo: Ephot*, diz o Alapide, *erat vestis Levitarum, qualis erat Samuel, eratque simile superpelliceo, quali vestiuntur pueri chorales canentes in templo*. Assim? & Samuel sendo menino, *Puer autem Samuel*, deixa de sete annos a casa de seus Pays, *septimo anno*, & busca o templo onde he venerada a Arca, figura expressa de Maria Santissima, diante da qual passava em vigalias todo o discurso da noite: *Vigilabat dormiens in templo, circa locum in quo erat Arca*; & alli se dedica ao culto Divino, vestido com hũa sobrepeliz de que usão os meninos do Coro: *Simile superpelliceo, quali vestiuntur pueri chorales*? pois seja a sua grandeza tanta, que avulte à vista do mesmo Deos: *Magnificatus est coram Domino*.

Este foi Samuel, verdadeiro Antonio da ley escripta ; & este foi Antonio, riguroso Samuel da Ley da Graça; pois sendo menino na idade, como Samuel, deixou como Samuel de sete annos a casa de seus Pays, & buscou o templo da Santa Sê desta Cidade, onde era venerada a Senhora figurada na Arca, diante da qual passava a noite em vigílias continuas; & neste templo sagrado se dedicou ao culto Divino vestido com hũa sobrepeliz como menino do Coro; & se Antonio assim imitou a Samuel nos progressos, porque tambem o não imitará nos augmentos, sendo grande à vista do mesmo Deos? & pôde ser, que por esta causa buscasse os braços de Antonio, o mesmo Deos na idade de menino; para que assim à sua vista avultasse a grandeza de Antonio; & tanto, quanto à vista de hum menino avulta a grandeza de hum homem; porque em fim, só então que Deos quer augmentar a nossa grandeza, he que permite hũas apparentes diminuições na sua pessoa.

Na Encarnação diminui se, ou exinaniouse Deos tanto, que sendo eterno, se fez temporal, sendo Senhor, tomou a forma de servo, sendo immenso, se limitou em hum presépio, & para que tudo diga de hũa vez, sendo Deos, se fez homem:

*Sym-
bol. fi-
dei.*

D.

Aug.

& D.

Thom.

in o-

pusc.

57.

Psalm.

8. Sym-

bol. D.

Arha-

naf.

Et Homo factus est. E porque tanto se diminue Deos na Encarnação? porque se faz temporal, sendo eterno? porque toma a forma de servo, sendo Senhor? porque se limita, sendo immenso? em fim, porque se faz Homem, sendo Deos? Porque? Santo Agostinho o diz: *Factus est Deus homo, ut homo fieret Deus*: Fez-se Deos homẽ, para que o homem fosse Deos; de sorte, que para o homem ser Deos, se fez Deos homem: ser Deos homem, parece diminuição da sua pessoa; porque sendo como Deos superior a todos os Anjos, fica inferior aos Anjos como homem: *Minuisti eum paulo minus ab Angelis.* Melhor: sendo como Deos igual ao Pay: *Equalis Patri secundum Divinitatem*, fica Deos Filho, menor que o Pay pela humanidade: *Minor Patre secundum Humanitatem*; & ser o ho-

o homem Deos, he hum grande augmento do homem; porque de homem caduco, & fragil por natureza, passa a ser Deos eterno, & permanente por participaçoẽ. Assim? & o fazerse Deos homem mostra algũa diminuiçaõ em Deos, & o ser o homem Deos diz hum grande augmento no homem? pois por isso, para que o homem tenha augmento na sua grandeza sendo Deos, he que Deos mostra que se diminue fazendose homem; porque só para augmento da nossa grandeza, he que Deos permite hũas apparentes diminuições na sua pessoa: *Factus est Deus homo, ut homo fieret Deus.*

E naõ só no mysterio da Encarnaçaõ, mas ainda no mysterio do Altar se verifica o nosso pensamento. Notai. Naquelle Divino Sacramento mostra se Deos taõ diminuido na sua grandeza, que naõ cabendo esta em todo o ambito da terra, & em todo esse espaço do Ceo: *Quem caeli capere non poterant;* In I. ref. esta reclusa, & abreviada no pequeno circulo daquelle hostia consagrada; & porque se diminue, & limita Deos tanto naquelle Sacramento? Sabeis porque? Para augmento da nossa grandeza: aquelle que dignamente cõmunga aquella sagrada hostia, fica com tal augmento de grandeza, que sendo homem, passa a fazerse Deos por semelhança, & participaçoẽ: *Vere comedens Deus efficitur.* E para o homem ser Deos pelo Sacramento, ha de comer verdadeiramente aquelle paõ dos Anjos: *Vere comedens;* & como da cõmunhaõ daquelle Sacramento resulta no homem taõ augmentada grandeza: *Deus efficitur;* que faz Deos agora? diminuese, ou limita se, para que a grandeza do homem assim se augmente; & senaõ dizime: poderia o homem cõmungar a Deos sacramentado, se o mesmo Deos se naõ diminuisse a si, & a sua grandeza? Como havia de caber Deos no peito do homem, se naõ cabe nem em toda a terra, nem ainda no mesmo Ceo? Pois para que Deos caiba, & se recolha no peito do homem, limita, ou diminue Deos a sua grandeza, proporcionando a sua diminuiçaõ pela estatura da nossa capacidade; logo o augmento da grandeza que

In I. ref. fests. vii. Nivis ad Matutinum. D. Hieron. passim citatus.

que tem o homem pelo Sacramento, *Deus efficitur*, proceda da diminuição de Deos, porque se Deos assim se não diminuirá, nunca o homem o receberá, & consequentemente nunca o homem tanto se augmentará; vedes como das diminuições apparentes de Deos, resulta no homem o augmento da sua grandeza? & se o augmento da grandeza do homem resulta da apparente diminuição de Deos; porque não parecerá, que para augmento da grandeza de Antonio se diminuiu o mesmo Deos pondose como menino em seus braços? & desta sorte he que o Sol de Antonio no Oriente da vida, subio ao Zenith, que he o ponto mais alto a que chega o Sol, pois à vista do mesmo Deos avultou tanto a sua grandeza: *Magnificatus est coram Domino.*

Mas passando do Oriente da vida em que Antonio viveo para o mundo, para o Oriente da Religião em que renasceo para Deos, vede como Antonio no Oriente da Religião foi tambem Sol no Zenith. Tanto que Antonio professou o estado Religioso, subio de tal sorte ao Zenith da perfeição, que não ha juizo que comprehenda com o discurso, onde Antonio chegou com os prodigios; & o exercicio da perfeição Evangelica em que mais se esmerou seu virtuoso espirito, foi a conversão dos peccadores, & a redução dos Hereges; & tantas proezas obrou seu incançavel zelo nesta espirital conquista, que alcançou de todo o inferno multiplicados triumphos; bem que resentido o Demonio desta cruel guerra, que lhe fazia o nosso Santo, intentou divertilo de tão santa empreza, para o que incitou aos Hereges com repetidas, & vehementes suggestões a que lhe tirassem a vida: abraçaraõ elles com facilidade a tentação; mas que muito, se tinhaõ em Antonio o seu flagello? resolvemse já a darem à execução tão perverso intento; estudaõ o como; mas como era tão abominavel o fim, não se lhes difficultou o meyo: que para o mal não ha obstaculo que se opponha, porque em fim tudo facilita a maldade; & sem duvida a não ser o mesmo Deos o Custodio da vida de

Anto-

Antonio , acabàra Antonio a vida nas mãos dos Hereges ; & foi o caso.

Convidàraõ os Hereges a Antonio para hum banquete; & entre varias iguarias que offertàraõ ao feu goito , lhe apresentàraõ hum saboroso prato , mas todo inficionado com refinado veneno : previo , & conheceo Antonio por divina revelação o perigo , mas não o intimidou a morte ; & assim o mostrou o successo ; pois gostou da iguaria , sem que o veneno lhe introduzisse o menor receyo ; & quando os Hereges imaginavaõ que o veneno lhe tirasse a vida , veyo a ser para a vida de Antonio o mais salutifero alimento ; mas oh prodigio ! & que não mate a Antonio aquelle veneno , que prejudica a tantas vidas ! que seja para Antonio sustento da vida , o mesmo veneno que havia de ser instrumento da morte ! Ora he este successo o mais qualificado abono da grandeza de Antonio ; pois com elle sobe tanto ao Zenith o Sol de Antonio no Oriente da Religião , que parece passa os limites de humano , & lá chega à esphera de Divino. Notai a prova , que ella desempenhará o pensamento.

Perseguida de hũa grande tempestade , aportou na Ilha Melitene a embarcação em que São Paulo navegava para Roma ; & apenas a embaração tomou porto , quando logo sahio S. Paulo a terra , & discorrendo pela praya ajuntou lenha para fazer fogo , por quanto era excessivo o frio ; & estando ao fogo S. Paulo , foi tão alto o conceito que os Barbaros delle fizeraõ , que publicamente diziaõ , que Paulo era Divino : *Dicebant eum esse Deum*. E como assim ? não diziaõ até aqui estes Barbaros que Paulo era hum homicida , que dava a morte aos vivos : *Utique homicida est homo iste ?* Como agora formaõ delle tão differente conceito , que o julgaõ por hum Deos , que dá vida aos mortos : *Dicebant eum esse Deum ?* De sorte , que no conceito destes Barbaros sobe tanto de ponto a grandeza de Paulo , que lá chega à esphera da Divindade : *Dicebant eum esse Deum ?* E porque ? O texto o diz : Pelo

Acta
Apost.
cap.
28.

que virão os mesmos Barbaros: *Illis videntibus*. Notai. Virão os Barbaros que hãa Vibora venenosa, que vinha entre aquella lenha que Paulo ajuntou, se ferrãa em hãa mão de Paulo; & imaginando elles que o veneno da Vibora, da mão passaria ao braço, & do braço se communicaria ao coração, & de tal forte que logo Paulo alli cahiria morto, foi tanto pelo contrario, que o veneno da Vibora não fez o menor prejuizo à vida de Paulo. Ouvi agora o texto: *Cum congregasset autem Paulus sarmentorum aliquantam multitudinem, & imposuisset super ignem, vipera à calore cum processisset, invasit manum ejus; at illi existimabant eum in timorem convertendum, & subito casurum, & mori: diu autem illis expectantibus, & videntibus nihil mali fieri in eo, dicebant eum esse Deum*. Ah! sim? & o veneno da Vibora que prejudica a tantas vidas, não faz à vida de Paulo o menor danno? pois suba logo Paulo no conceito dos homens a tão alto ponto de grandeza, que lá o contemplem na esphera de Divino: *Dicebant eum esse Deum*.

Este conceito fizeraõ aquelles homẽs de Paulo; & porque não formaremos nós de Antonio quasi o mesmo conceito, vendo que o veneno da iguaria que gosta, não prejudica ainda levemente à sua vida? Se o veneno não fora às vidas tão nocivo, não era muito que à vida de Antonio não fosse prejudicial aquelle veneno; mas que sendo o veneno para huns instrumento da morte, fosse para Antonio alimento da vida! & tanto, que com o veneno se alimentasse a vida de Antonio, como se fosse o mais nutritivo sustento! este he hum irrefragavel testemunho da grandeza de Antonio; & faz com que Antonio como Sol suba ao Zenith do mais alto ponto tendo visos de Divino: *Dicebant eum esse Deum*. Fechemos o discurso com aquelle Sacramento.

Aquelle que dignamente recebe o corpo de Christo, fica tão exaltado, & engrandecido, que de homem passa por participaçãõ a ser Deos: *Vere comedens Deus efficitur*. E por-
que

que sobe a taõ alto ponto aquelle que dignamente recebe aquelle Sacramento? Santo Thomas descobre a razaõ. Notai. Aquelle que dignamente cõmungá aquella hostia consagrada, acha a vida, onde os outros encontraõ a morte; de sorte, que o mesmo Sacramento que he morte para aquelles, que indignamente o commungãõ, *Mors est malis*, he tamhem vida para aquelles, que dignamente o recebem, *vita bonis*. E que na mesma iguaria do Sacramento, que he morte para os indignos, encontrem os dignos a melhor vida; esta circumstancia he hum taõ grande realce da grandeza dos dignos, que os eleva, como diz S. Hieronymo, à mesma esphera da Divindade: *Vere comedens Deus efficitur*. Assim sobe pelo Sacramento aquelle que dignamente o recebe, porque acha a vida, onde os indignos encontraõ a morte; & assim subio de ponto a grandeza de Antonio, pois encontrou o alimento da vida no mesmo veneno que he instrumento da morte; & por isso com razaõ foi Sol no Zenith no Oriente da Religiaõ: *Vos estis Lux mundi: Lux mundi Sol*.

Tenho mostrado, como Antonio foi Sol no Zenith no seu Oriente; vejamos tambem agora como foi Sol no Zenith no seu Occaso. A penas Antonio contava trinta, & seis annos de idade, quando soube por Divina revelaçãõ que era chegada aquella hora, que a todos chega, em que desfazendose aquelle estreito vinculo que tem a nossa alma com o corpo, havia a morte de dar fim às suas fadigas, & principio às suas felicidades. Não se affustou Antonio com esta anticipada noticia, porque como outro Paulo vivia muito violento na terra; que só para o Ceo propendia todo o pezo da sua inclinaçãõ. Preparouse logo com o Viatico taõ preciso para a jornada; & recebidos todos os Sacramentos que se admistrãõ aos moribundos, entre amorosos colloquios entregou Antonio a vida nos braços da morte, & seu purissimo Espirito nas mãos de seu Creador.

Não me admiro, sendo muito para admirar, da brevidade

dade com que essa deshumana Parca cortou os fios a taõ importante vida; pois na idade mais robusta pagou Antonio o tributo de mortal; mas como Antonio era flor, que assim o diz a mesma etymologia do seu nome: *Antonius dicitur ab anthos, qui latine florem significat*; & como tambem era Sol, que assim o declara o nosso thema: *Vos estis lux mundi: Lux mundi Sol*; que muito fosse taõ pouca a duraçãõ deste Sol? que muito fosse tanta a brevidade desta flor? que o ser flor he para naõ durar muito, & murchar logo; & o ser Sol he para viver pouco, & acabar depressa; & que longe da memoria trazem os Sóes, & as flores este defengano! como se contra as flores se naõ armãra a morte como fouce que voa, *falx volans*, & se contra os Sóes senaõ oppuzera esta Parca como sombra que corre, *in umbra mortis*! Pois defenganemse as flores, & defenganemse os Sóes; & saibaõ os Sóes, que a sombra os busca apressadamente para o eclipse; & saibaõ as flores, que a fouce ligeiramente voa para lhes dar o golpe; que assim o experimentou, com tanto sentimento de Padua, a flor, & o Sol de Antonio.

D.
Isidor.
in ety-
molog.
hujus
nom.

Disti-
ch.
mort.
Luc.1.

Morto o nosso Santo, começãraõ logo os meninos pelas ruas de Padua a serem pregoeiros da sua morte; mas com hũa circumstancia bem notavel, que naõ só eraõ os meninos pregoeiros da morte de Antonio, mas tambem eraõ panegyristas da sua santidade; pois naõ só diziaõ que Antonio era morto, mas tambem publicavaõ que Antonio era Santo: Morto he o Santo, diziaõ os meninos: & quem disse a estes innocentes que Antonio estava morto, & que Antonio era Santo? Ora tudo foi disposiçãõ do Ceo, para credito da grandeza de Antonio: quiz o Ceo sem duvida mostrar que Antonio naõ só fora Sol no Zenith no seu Oriente, mas que tambem era Sol no Zenith em o seu Occaso; & por isso permitio que fossem os infantes os pregoeiros da sua morte, & os panegyristas da sua santidade; & a razãõ he; porque ter Antonio no Occaso da morte a hũs innocentes infantes por pane-

panegyristas da sua santidade, & por pregoeiros da sua mesma morte, foi o mesmo que subir Antonio no seu Occaso ao Zenith da mayor grandeza. Ora provemos esta grandeza de Antonio em quanto à circumstancia de serem os innocentes meninos panegyristas da sua santidade.

Falla David com Deos, & diz assim: *Elevata est magnificenti tua super celos.* Senhor, diz David a Deos, tão elevada contemplo a vossa grandeza, que lá a vejo remontada sobre essa altissima eminencia dos Ceos: pois sobre os Ceos contempla David elevada a grandeza de Deos? & porque tão elevada? & porque tão excelsa? O mesmo David apôta logo a razaõ: *Ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem.* Foraõ os meninos os panegyristas dos louvores de Deos, foraõ os innocentes os pregoeiros da sua santidade. E não succedeo assim naquella magestosa entrada que o mesmo Filho de Deos fez na Jerusalem terrestre? pois os meninos Hebreos foraõ os panegyristas da santidade de Christo, & dos louvores de Deos: *Pueri Hebræorum clamabant, Hosanna filio David, &c.* E por serem os meninos os panegyristas de Deos, achou David que ficara a grandeza de Deos tão sublimada, que lá se exaltara sobre a eminencia dos Ceos: *Elevata est magnificentia tua super celos, ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem.* E se a grandeza de Deos que não permite augmento, nem diminuição, pareceo a David tão exaltada, por serem os meninos os panegyristas de seus louvores; como tambem nos não parecerá que chegara o Sol de Antonio no Occaso da sua morte ao Zenith da mayor exaltação; sendo os meninos panegyristas da sua santidade na entrada que fez na Jerusalem celeste, assim como o foraõ de Christo na entrada que fez na Jerusalem terrestre: *Pueri Hebræorum clamabant?* E a razaõ deste augmento da grandeza de Antonio he; porque estes meninos, que foraõ panegyristas da sua santidade, eraõ hús infantes, que mal sabião pronunciar palavras; eraõ hús innocentes, que careciaõ do uso da razaõ pelos

poucos annos: *Ex ore infantium, & lactentium.* E que carecendo estes meninos do uso da razão, encareçaõ tanto a santidade de Antonio no Occaso da sua morte, que não sabendo fallar, repitaõ a vozes os seus louvores! esta circumstancia realça, & encarecet tanto a grandeza de Antonio, que o levanta ao ponto mais alto; pois parece o entroniza sobre o mesmo Sol. Notai.

Pfal.
18.

Taõ exaltado admira o Real Profeta a Deos Senhor nosso, que sobre o Sol o considera entronizado: *In sole posuit tabernaculum suum;* & porque tanto se exalta Deos, que chega a estar entronizado sobre o Sol? O mesmo David antecedentemente o diz, & deste antecedente tira por consequencia esta exaltação de Deos, como advertem os Expositores. Ouvi o antecedente: *Celi enarrant gloriam Dei, & opera manuum ejus annuntiat firmamentum: dies diei eruçtat verbum; & nox nocti indicat scientiam.* O Ceo, o firmamento, a noite, & o dia, diz David, são panegyristas dos louvores, das obras, dos prodigios, da gloria, & attributos de Deos. Ah sim? pois estas creaturas que não sabem, nem podem fallar como inanimadas; estas creaturas que carecem do uso da razão, porque não tem alma racional, são os panegyristas dos louvores de Deos? pois segue-se logo por legitima consequencia, a excelsa grandeza de Deos, em estar entronizado sobre o mesmo Sol: *In sole posuit tabernaculum suum. Celi enarrant gloriam Dei.* Inferi agora tambem daqui a exaltação de Antonio na sua morte. Teve Antonio na sua morte a hús meninos que não sabião, nem podiaõ fallar (que em fim eraõ meninos que estavaõ ao peito das mãys) por panegyristas de seus louvores, por oradores da sua santidade; & que hús innocentes que carecem do uso da razão, que hús creaturas que não sabem, nem podem fallar, sejaõ as que digaõ, & encareçaõ a santidade de Antonio na sua morte! oh que grande exaltação da grandeza de Antonio no seu Occaso, pois la sobe a entronizar-se em o mesmo Sol: *In sole posuit tabernaculum suum!*

E da-

E daqui infiro cõ tambem agora o realce da grandeza de Antonio pela segunda circumſtancia de serem os meninos os pregoeiros da ſua morte; apregoãõ os infantes, que não ſabiaõ, nem podiaõ fallar, que tão poucos eraõ, como iſto, os ſeus annos; apregoãõ hũs meninos, que careciaõ do uſo da razaõ, que tão pequena era a ſua idade; apregoãõ, digo, eſtes innocentes pelas ruas de Padua, que Antonio era morto; & que hũas creaturas, que carecem do uſo da razaõ, & que não ſabem, nem podem fallar, aſſim apregoem, & publiquem a morte de Antonio! oh que illuſtre teſtemunho da grandeza de Antonio no ſeu Occaſo, pois parece que compete, no modo que pôde ſer, a ſua grandeza com a grandeza de Deos! Dai-me attençaõ.

Vendo o grande Areopagita aquelle fatal, & eſpantoso eclipse do Sol que ſucedeeo na morte de Chriſto, rompo neſtas palavras, ſendo hum genſio que não tinha conhecimento do Deos verdadeiro: *Deus natura patitur*. Eſte eclipse, diz o Areopagita, he huma evidente demonſtraçaõ, he hum infallivel argumento de que morre, & padece o Deos da natureza; & não podia aquelle eclipse ſer annuncio da morte de algum Principe da terra? mas ſó ha de ſer preſagio da morte do Deos da natureza? de ſorte que o eclipse do Sol ſó ha de ſer teſtemunho da morte de hum grande, tão grande como Deos? & porque não ſerá da morte de outro qualquer grande, evidente indicio aquelle eclipse? Sabeis porque? Pelo que vio neſte eclipse o meſmo Areopagita; vio eſte que o Sol ſe veſtio de luto, *Obscuratus eſt Sol*, & advertio que eſte luto era hum brado que dava o meſmo Sol, apregoando por todo o mundo a injusta morte de Jeſu Chriſto, verdadeiro Filho de Deos: *Deus natura patitur*. Porque em fim não ſó o Sol, mas ainda todas as mais creaturas inſenſiveis foraõ pregoeiras daquella morte, & da Divindade de Chriſto, como diz Santo Athanaſio no livro da Encarnaçaõ do Verbo. Ahiſim? diz agora o Areopagita: a hum Sol que carece do uſo da razaõ,

*Eccleſ.
in le-
gend.
D.
Dionysſ
Areo-
pagita.*

*Luce
23.*

zaõ , & que não sabe , nem pôde fallar , porque não tem alma ; & que seja esta creatura pregoeira desta morte ! ora esta morte , não he morte de qualquer grande , mas he morte de hum grande , tão grande como Deos : *Deus natura patitur*. Faça agora este argumento : Se o Arcopagita inferio a morte do Deos da natureza , porque o Sol no seu eclipse apregoava a morte do mesmo Deos , carecendo do uso da razaõ , & não podendo , nem sabendo fallar ; vendo nós que os meninos que não podiaõ , nem sabiaõ fallar , alem de carecerem do uso da razaõ , foraõ pregoeiros da morte de Antonio , bradando pelas ruas de Padua , Morto he o Santo ; porque nos não parecerá tão sublimè a grandeza de Antonio , no seu Occaso , que parece competio , no modo que pôde ser , com a grandeza do mesmo Deos ?

Mas não parou só aqui o Zenith do Sol de Antonio no seu Occaso , porque ainda no Occaso da morte subio o Sol de Antonio ao mesmo ponto de grandeza , tendo com o mesmo Deos hũa grande semelhança. Ora notai. Ouvindo algũs Herreges os grandes milagres que Antonio fazia depois de morto , incitados sem duvida de hum diabolico impulso , começaram com sacrilega , & temeraria ouzadia a fazer zombaria , & tratar com desprezos não só os milagres que o Santo fazia , mas ainda o mesmo Santo que fazia os milagres ; & para chegar a sua maldade ao extremo do mayor ludibrio , concertaraõ entre si que hum delles se fingisse cego , & com esta simulada cegueira chegasse ao sepulchro do Santo , pedindohe com apparentes rogos lhe restituísse a vista perdida ; & da mesma sorte que o dispuzeraõ , sem demora o executaraõ ; chega hum delles ao sepulchro de Antonio fingindose cego , implora o remedio para a sua cegueira : vem logo os companheiros para celebrarem com irrisorias demonstrações o milagre , & achaõ ao cego fingido , verdadeiramente cego ; confunde-os o successo , intimida-os o caso ; & convertendo as zombarias em veras , arrependidos da sua maldade , confessãõ

Fessaõ ao Santo a sua culpa, & com enternecidos rogos lhe pedem acuda com o remedio àquella cegueira. Ouve Antonio os seus rogos, & recupera o herege cego a vista perdida; & que chegue Antonio, depois de morto, a dar vista a hum Herege cego, que naõ só fazia zombaria dos seus milagres, mas ainda tratava com desprezos a sua pessoa! ora este prodigio que Antonio fez, eleva a sua grandeza a ponto taõ alto, que sendo humano, parece Divino. Dai attençãõ à prova.

Vendo o Centuriaõ o que succedèra no Calvario depois de Christo estar morto: *Videns autem Centurio quod factum fuerat*, encareceo tanto a grandeza do Filho de Deos, que a vozes publicou era hum homem Divino: *Vere hic homo Filius Dei erat*. E que succedeo no Calvario depois da morte de Christo, ou que fez Christo depois de morto, para que o Centuriaõ o acclame Divino? Que fez Christo? & que succedeo no Calvario? O meu Evangelista o aponta, & Santo Isidoro o explica; notai: Depois de Christo morto, hum dos Soldados que estava no Calvario, lhe abriu o peito com hũa lança: *Unus militum lancea latus ejus aperuit*; sahio logo do peito sangue, que era aquelle Sacramento, & cahindo hũa gota delle nos olhos do Soldado que era cego, lhe restituo a vista perdida. Ouvi a Santo Isidoro fallando deste Soldado: *Latus Salvatoris apernit, & cum utroque oculo esset privatus, gutta sanguinis Christi illuminatus est*. Este Soldado, como consta dos Evangelistas, fazia com os mais companheiros zombaria da pessoa de Christo, & blasfemava das suas maravilhas: *Illudebant autem ei & milites, prætereuntes autem blasphemabant eum moventes capita sua*. Ahim? & que chegue Christo depois de morto a restituir a vista perdida a hum infiel que fazia zombaria da sua pessoa, & blasfemava das suas maravilhas! este prodigio encarece tanto a grandeza de Christo, que o dà a conhecer por hum homem Divino: *Vere hic homo Filius Dei erat*.

A este ponto taõ alto chegou a grandeza de Christo mor-

Lucã
23.Joanã
19.D.
Isidor.
apud
Sal-
meir.
tom.
10.
tract.
47.Math.
27.

to, no discurso do Centuriaõ: mas eu naõ quero subir tanto de ponto a grandeza de Antonio defunto; porque naõ pòde a grandeza de Antonio subir a taõ alto ponto; mas só digo, que em restituir Antonio depois de morto a vista perdida a hum cego infiel que blasfemava dos seus milagres, & zombava da sua pessoa, subira no Occaso da morte àquelle ponto mais alto a que pòde chegar hũa creatura, que he o ter semelhanças de hum homem Deos: *Vere hic homo filius Dei erat.* E desta sorte he que Antonio foi Sol no Zenith no seu Occaso: *Vos estis Lux mundi: Lux mundi Sol.*

Eis-aqui como Antonio foi Sol no Zenith, naõ só em o Oriente da vida, mas tambem em o Occaso da morte; porque tanto no Occaso da morte, como no Oriente da vida subio o Sol de Antonio ao ponto mais alto a que podia chegar hũa creatura; & como esta foi a grandeza de Antonio, com justo acerto lhe corresponde a vossa devoçaõ com o primoroso deste aplauso; que em fim só em assumptos grandes he que assentaõ bem os cultos mais plausiveis: continue pois a vossa devoçaõ nos cultos de Antonio, já que o seu patrocínio he taõ continuo em favorecer aos seus devotos, como hoje o publica o vosso agradecimento; & muito mais, quando o vosso agradecimento se reconhece taõ devedor à intercessaõ de Antonio; & à vista deste empenho taõ grande naõ se desempenha a vossa gratificaçaõ com tributar a Antonio o culto de hum só dia; porque para o desempenho de hum beneficio, naõ basta hum só dia de aplauso, & hũa só solemnidade, mas haõ de ser repetidas as solemnidades, & multiplicados os cultos.

Mandava Deos aos Israelitas que solemnizassem repetidas vezes o dia do Sabbado: *Custodiant Filij Israel sabbatum, & celebrent illud in generationibus suis.* E porque haõ de tributar os Israelitas ao dia do Sabbado taõ repetidos cultos? naõ bastava que hũa só vez se solemnizasse este dia? mas ha de celebrar-se muitas vezes? Sim; porque o solemnizar-se o dia do

do Sabbado, era em agradecimento do beneficio da creação, & de outros beneficios mais, que o mundo recebeu de Deos, como diz o Abulense com o Alapide neste lugar; & para gratificação de hum beneficio não basta hum só culto, & hũa só solemnidade; mas haõ de ser as solemnidades repetidas, & os cultos multiplicados: *Custodiant filij Israel Sabbatum, & celebrent illud in generationibus suis.* E se o culto do Sabbado assim havia de ser repetido para desempenho do agradecimento, como não seraõ tambem, para remuneração dos beneficios, multiplicadas as solemnidades de Antonio, sendo Antonio hũa viva imagem do dia do Sabbado? & taõ viva, que se no Sabbado descansou Deos: *Requievit Deus die septimo;* & se o Sabbado he para Deos todo o seu descanso: *Sabbatum est requies sancta Domino;* tambem Deos menino descansou nos braços de Antonio; & he Antonio o descanso de Deos, pois muito de assento está Deos nos braços de Antonio, como o testemunha a sua mesma imagem.

Continuem pois os louvores de Antonio; & sejaõ repetidos os seus cultos, para que assim empenheis o patrocínio de Antonio; & desempeñeis o vosso agradecimento; & não dificultem os dispendios taõ merecidos cultos; porque interessais muito nos obsequios de Antonio; & tanto, que interessais o mesmo que nelles dispendeis; de forte, que taõ longe está de serem dispendios, os gastos que fazeis em veneração de Antonio, que antes os gastos saõ lucros, & os dispendios saõ interesses; porque vindes a lucrar esses mesmos gastos que fazeis em obsequio de Antonio. Ouvi a prova, & acabarei o Sermaõ com o mesmo texto do Apocalypse com que principiei.

Aquelles vinte, & quatro Anciãos que o meu Evangelista vio no seu Apocalypse, tributavaõ as coroas de ouro, ou o ouro das coroas que tinhaõ em a cabeça, em culto, & veneração de trono: *Mittebant coronas suas ante thronum, in illius cultum, & venerationem.* E reparei eu, em que o

Genes.
2.
Exodi
31.

Apo-
calyps.
4.
2.

Sylv.
hic.

texto diga que estas coroas eraõ dos anciãos; no mesmo tempo em que adverte que elles as tributavaõ em obsequio do trono: *Mittebant coronas suas*. E como pôde isto ser? se estes anciãos tributavaõ as coroas: *Mittebant coronas*, como eraõ suas, *coronas suas*? Aquillo que se tributa, ou dá, já não he de quem o dá, se não daquelle a quem se dá; dais hũa joya, & pela data já a joya não he vossa, porque transferis o vosso dominio para aquelle a quem a dais; & se estes anciãos davaõ as coroas de ouro, ou tributavaõ o ouro das coroas em obsequio, & veneraçãõ do trono, como ainda eraõ suas, se pela data perderaõ o dominio? de sorte, que as tributavaõ, *mittebant*, & eraõ suas, *coronas suas*? Sim; & por isso mesmo eraõ suas, porque as tributavaõ em obsequio, & veneraçãõ do trono; que tudo o que se tributa, & dispende em veneraçãõ do trono, taõ longe está de ser dispendio, que antes he interesse; porque se interessa o mesmo que se dispende: *Mittebant coronas suas ante thronum, in illius cultum, & venerationem*. E quem he o trono de Deos, senão Antonio, como já disse? Logo tudo quanto se dispende em obsequio de Antonio, tanto não he dispendio, que he lucro; pois se lucra o mesmo que se dispende.

E quem haverá que à vista de tantos interesses se não empenhe nos aplausos de Antonio? & muito mais, sendo taõ valido de Deos, que o tem da sua mão; & por isso como valido nos franquea liberalmente os thesouros da Divina piedade, onde todos achaõ para os seus apertos o mais prompto remedio; os enfermos taude, os cegos vista, os mortos vida, os perseguidos asylo, os desemparedados socorro, os desconfolados alivio, os fugitivos refugio; & finalmente por intercessãõ de Antonio os mayores peccadores se convertem a Deos, vivem na sua amizade, morrem na sua graça, & gozaõ os descansos da eterna gloria: *Quam mihi, & vobis præstare dignetur Sanctissima Trinitas, per merita Antonij. Amen.*

L A U S D E O.